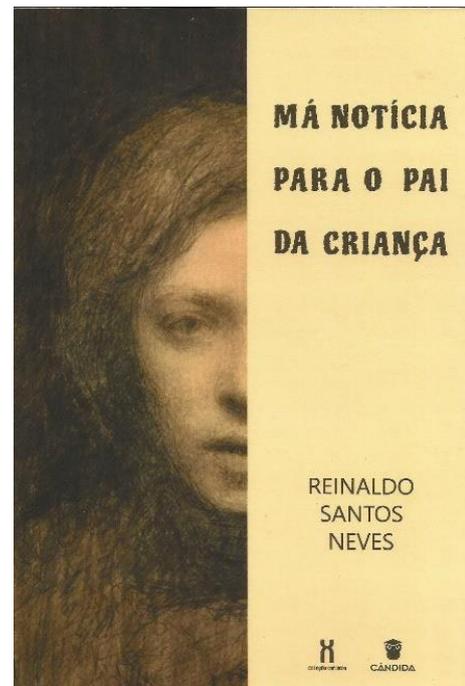


NEVES, Reinaldo Santos. *Má notícia para o pai da criança*. Vitória: Cândida, 2019.

Fábio Daflon*



Reinaldo Santos Neves (Vitória, ES, 1946-) publicou vários romances: *A crônica de Malemort* (1978); *As mãos no fogo: o romance graciano* (1984); *Sueli: romance confesso* (1989); *Kitty aos 22: divertimento* (2006); *A longa história* (2007); *A ceia dominicana: romance neolatino* (2008); *A*

* Especialista em Estudos Literários pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes).

folha de hera: romance bilíngue (três volumes: 2011, 2012 e 2014). Embora o autor trate de temas relacionados ao período medieval, como em *A crônica de Malemort* ou *A longa história*, Santos Neves também transita pelos assuntos contemporâneos, como em *As mãos no fogo*, *Sueli: romance confesso* ou *Kitty aos 22: divertimento*, destacando em seu trabalho narrativo a linguagem baseada de modo especial no intertexto. Seu mais recente trabalho, *Blues For Mr. Name ou Deus está doente e quer morrer* (2018) é um romance “apocalíptico”. Mas os contos também constam de sua produção⁵²: *Má notícia para o pai da criança* (1995), *Heródoto, IV, 196* (2013) e *Mina Rakastan Sinua* (2016). O primeiro, que reúne nove contos, publicado inicialmente como encarte do jornal *A Gazeta*, em Vitória, no Projeto Nossolivro, foi republicado em 2019. Sobre esta edição é que pautaremos nossa apreciação.

Desde o título, o livro *Má notícia para o pai da criança*, de Santos Neves, nos fala do tempo; dar notícia incita a pensar no que está por vir a partir do momento coevo. O que está por chegar remete o leitor ao futuro, tempo esse representado pela criança, criança formulada numa ambiência de histórias que se repetem, apesar das mudanças ou das circunstâncias históricas e conjunturais.

Os contos de Santos Neves reunidos no livro em foco, conforme Paulo Roberto Sodré escreveu, no “Prefácio” (SODRÉ, 2019, p. 11); são:

Inspirados em romances tradicionais, isto é, “poemas épico-líricos, que se cantam ao som de um instrumento, quer em danças corais, quer em reuniões efetuadas para simples recreio ou para trabalho comum”, segundo Menendez-Pidal, estes contos de Reinaldo Santos Neves travam diálogo com os textos do romancista tradicional português, aproveitando-lhes o enredo, as personagens, alguns versos, e temas, infiltrando neles seu toque de Midas: a elaboração da linguagem.

⁵² Incluem-se ainda poesia: *O poema graciano* (1982), *Muito soneto por nada* (1998), *Poesia 64-14* (2017); novela: *A confissão* (1999); crônicas: *Dois graus a leste, três graus a oeste* (2013) e narrativa para crianças: *Crinquinim e o convento da Penha* (2001) e *Crinquinim e a puxada do mastro* (2008).

Tradição tem o sentido do ato ou efeito de transmitir ou entregar, transferir para as novas gerações princípios e costumes, ou ainda comunicação oral de fatos, lendas, ritos, usos, costumes etcetera, de geração para geração. O livro de Santos Neves, ao inspirar-se no romanceiro tradicional português, trata exatamente disso. Expliquemos melhor: nas notas finais do autor, ao fim do livro (NEVES, 2019, p. 119-124), sob o título “Colher torta”, está dito que os romances nos quais o livro *Má notícia para o pai da criança* se inspirou

[...] datam da Idade Média, por aí assim, e que são classificados como literatura oral. Ou seja, são considerados folclóricos porque, a rigor, não têm autor: o povo os criou e recriou, alternando, acrescentando, deturpando, suprimindo: fazendo o que se poderia chamar-se de recriação em cadeia (p. 121-122).

O toque de Midas do autor está em vários pontos do livro ao quebrar a narrativa linear com o uso não só do anacoluto, mas a partir do uso de neologismos populares, com sinéquese de palavras de gêneros diferentes ou não, supressão de palavras (verbos e preposições, *exempli gratia*) e a utilização de “uma linguagem mais ou menos comum a todos com um leve toque arcaizante” (p. 122).

O que é muito remoto ou antigo pode ser chamado de arcaico, mesmo se ainda presente na realidade. O tom arcaizante dos textos de *Má notícia* possui um viés fundamental à compreensão do livro, por ter a função de transmitir às novas gerações o que vem sendo legado desde antanho. E é sobre o que vem sendo difundido de geração em geração que o livro fala, revelando repetições negativas em geral.

Comentaremos os contos da forma mais breve possível. “Dom Pedro ou A massa de sangue” transpõe para o Brasil realidades vindas de outros lugares do mundo ou antigas realidades aqui presentes desde priscas eras. Trata do familismo (termo criado por Edward C. Banfield [1958]) em sua face mais cruel, capaz de não permitir que nada se mova para fora do pacto organizacional da família. Vejamos o trecho inicial do conto: “Sou filho da terra e chamo-me Eu. Diogo de

Acolá era o nome do meu mais tataro ancestral nesta terra. Ele o pai de Pedro, que de Diogo, que de outro Diogo” (p. 17). Sucessivamente até chegar ao personagem Eu (Pedro), que deseja ter um filho homem de nome Diogo. No conto, o conservadorismo toponímico (pertencimento a um local) é a de que o novo Diogo da linha geracional nasça na mesma terra. Como se a referência toponímica familiar pudesse impedir a qualquer descendente nascer noutra lugar, na obstrução de qualquer deslocamento geográfico.

Por razões do coração de Eu, isso não acontece, com todas as consequências terríveis de que as unhas do pertencimento, no qual se estrutura a família, e as do familismo são capazes. No caso a vítima é a mãe do descendente imediato, conhecida em viagem de Eu para outro lugar, que pensa poder ter o rebento em seu lugar de origem, ao fugir da sogra que a trata mal, porque fora escolhida por Pedro em detrimento de outra mulher que teria as bênçãos familiares. O destino da mulher (corpo estranho) é cruel e insólito, não porque não venha se repetindo através dos tempos, mas, sim, porque o que nos comove é a repetição da mesma tragédia embutida em saga familiar perversa.

Ao feitio de Diadorim, do romance *Grande sertão: veredas*, de Guimarães Rosa, a personagem feminina do conto “Donzela que vai à guerra ou a fome e a vontade de comer” segue entre camponeses, fazendeiros e seus soldados. O pai tentara vendê-la para uma casa de prostituição, porém ainda na pré-puberdade, não foi aceita, como aconteceu com suas irmãs. Seu irmão ia para a guerra, mas ao morrer de morte natural, viu-se o pai a sós com a filha, vestiu-a com as roupas do irmão e mandou-a no lugar dele. O conto aborda questões de gênero e tem um final surpreendente para os leitores, porque o desejo era em relação à guerreira-homem, querida apenas como homem, que ao se revelar mulher choca aquele que a possuía, como se na conjuntura da guerra, só pudesse haver a relação homem-homem. No conto há o estranhamento entre o que é a expectativa do desejo realizado, considerado bom, e a frustração de se ver o que era não ser o que se tinha certeza de que era. Situação que deixa o leitor pasmo,

dentro do espaço de duas identidades reveladas: a da guerreira-homem e seu amante jagunço.

No conto “O Conde D’Alemanha ou a vida na flauta”, o conde é um professor de música migrado para o Brasil após a Primeira Grande Guerra, um flautista. O professor poderia ser antevô – termo criado pelo autor para falar de um avô não muito velho, fazendo a união das palavras “ante” e “avô” – da moça filha de um homem próspero de Viana, que a contragosto da mulher, contrata o conde para dar aulas de música para a filha. O envolvimento gradual da mãe com o professor causa ciúme na filha (sensação de perda) e a arma da vingança é a flauta, em si mesma um símbolo fálico, pois tocada pelos lábios nos remete ao sexo oral.

Donald Winnicott, psicanalista inglês, criou o conceito de “objeto transicional”, algo a que o ser humano se apegava simbolicamente para representar alguém amado ou odiado, conforme o que o objeto represente. A flauta é, no conto, o objeto transicional (1998, p. 544). Sob a ocorrência do ciúme, o amor e o ódio se tornam gêmeos, e o efeito pode ser paradoxal, podendo o objeto transicional se transformar em uma arma, até mesmo de autoagressão. No conto, a flauta como metáfora do falo é trabalhada com maestria textual, sem tocar na subjetividade do que se passa de forma muito abrupta.

Em “Silvaninha ou Má notícia para o pai da criança”, o autor trata do desejo incestuoso, e é claro que o desejo existe entre pais e filhos, Freud explicou isso na tese do complexo de Édipo. Tanto é que em relação a filhos, concretamente, existe o filho desejado e o indesejado, com todos os conflitos que os desejados e indesejados possam ter. O pai ideal seria aquele que mostrasse o desejo baseado no amor, amor esse vivido dentro do limite amoroso, isto é, demonstrativo duma afeição pura, sem componente incestuoso. Relações incestuosas entre pai e filha são comuns no noticiário atual.

“Bernal francês ou Não há dois sem três” é um conto curto belíssimo; trata do adultério e do feminicídio da adúltera. No Brasil colonial dos primórdios da nação, a morte da mulher adúltera era um direito legal do marido. Hoje, mesmo após a opção do divórcio e certa modernização da legislação, há assassinatos de mulheres pelos mais diversos motivos passionais ou torpes. É belo o conto por conta das maravilhosas metáforas, várias delas fenomenais, como a do marido matador que, ao decidir cometer o crime, porque é bom como o pão (bom provedor) e não julgar merecer a traição, diz para si mesmo querer vesti-la com “Gargantilha feita à faca, e vestido carmesim”. Há também no conto a questão da identificação projetiva causada por uma noite em que a mulher se deu ao marido, pensando ser ele o amante; noite de amor que teria sido maravilhosa caso a entrega física ao marido não tivesse ocorrido porque a mulher imaginava estar tendo relação com o amante. A identificação do marido com o amante se dá por conta de que a melhor noite de amor com a esposa foi realizada representando o amante.

Entre duas irmãs belas, há que se escolher uma. O coração opina, mas não sabe às vezes se impor aos outros. O personagem central do conto “Florabela ou Abre a boca e fecha os olhos” é um *self-made man*, sujeito nascido na grama, onde, neonato, fora abandonado pela mãe. Nem branco nem preto: pardo, o personagem queria casar com a mais nova, mas a futura sogra impingiu-lhe a mais velha, que em passeio campestre, logo depois de casada, sempre achava mais bonitos os animais brancos, enquanto a mais nova, então cunhada, preferia os pretos. Fato motivador da potencialização do amor do homem pela cunhada, irmã mais nova. O tema do conto é o racismo, somado ao sentimento de rejeição dentro da história pregressa do personagem, racismo elevado exponencialmente quando a irmã mais nova, efetivamente desejada, chama de preto arrenegado aquele que a desejava, provocando reação violenta contra ela, mas não só contra ela, porque na fúria tudo é desmedido.

Há histórias nas quais um militar é questionado por estar trazendo o quartel para dentro de casa. É o caso do conto “Conde Olavo ou Tudo como antes no Quartel

de Abrantes”. E o substrato da ação é o fato de um militar subalterno ter assediado a filha do seu comandante, sendo obrigado a reparar o dano, isto é, casar-se com a filha dele. A questão é resolvida militarmente, porque o que um militar aprende durante toda a sua vida é a obedecer e a cumprir. O conto, essencialmente, traça o perfil do militar, trazido para o ambiente privado, fazendo o que é necessário para se liberar do casamento a fim de reparar o dano. No momento final do conto, há um diálogo breve entre a esposa e o marido, mostrando que ela sabe que o militar tem que cumprir o que é necessário, para depois dar o pronto ao seu comandante.

“Conde preso ou Os pés pelas mãos” é um conto triunvirato, no qual os governantes são a virgindade, o estupro e a vingança. A virgindade na narrativa tem o valor a ela conferido pela religião, causando culpa no estuprador, que não foge do local do crime, terminando por ser capturado pelos irmãos da moça. O desejo de ser punido fica implícito no estuprador, que se oferece aos vingadores para a reparação da culpa. O elemento fulcral do conto é o do valor absoluto dado à virgindade, isto é, valor que conduz a um destino trágico, valor que compromete o pragmatismo e impede a fuga.

Cito quatro das experiências da vida: a satisfação, a frustração, a hostilidade e a dor. O suicídio é uma das formas de suprimir a dor, totalmente. Embora haja as pessoas capazes de caminhar tendo satisfação em evitar a hostilidade e a dor e, principalmente, a frustração, capaz de se transformar em ressentimento e mágoa, Juliana, do último conto, “Juliana e Dom Jorge ou Com perdão da má palavra”, não está entre essas gentes boas, age como se fosse vítima de si mesma, dando razão maior ao mal que lhe fizeram do que a crítica e autocrítica, profundas, que não teriam permitido a ela ser como ela é. O ressentimento a corrói até que se apaixona por Jorge, homem viril e carinhoso. Porém Jorge um dia se torna indiferente. A ilusão dura pouco e o ressentimento vira veneno. O que Juliana fará com tal veneno é de foro íntimo dela, quem ela envolverá na trama suicida também. Às vezes a experiência não vale de nada; Pedro Nava

(suicida) foi um escritor defensor dessa tese. Seria esse o caso de Juliana, nesse conto rodriguiano do livro *Má notícia para o pai da criança?*

A má notícia é que nem todos os homens conseguem superar seus traumas ou dominar os instintos mais baixos, podendo, até prova em contrário, *ad eternum*, serem pais ou mães de crianças do futuro ou marido de mulheres vitimadas, ou perpetradores de outras violências como o estupro, eventualmente geradores de filhos indesejados.

Em seu livro de contos, Santos Neves fez se mover ao tempo atual e ao futuro o espanto de como os dramas da vida são, eventualmente, concluídos com desfechos trágicos e parvos, repetitivos, restando a esperança nos que conseguiram, conseguem ou conseguirão ter exercício cognitivo ou espiritual para além dos sistemas corruptores da ação.

Referências:

BANFIELD, Edward C. *The Moral Basis of a Backward Society*. New York: Free, 1958.

WINNICOTT, Donald. Objeto transicional. In: ROUDINESCO, Elizabeth; PLON, Michel (Org.). *Dicionário de Psicanálise*. Tradução de Vera Ribeiro e Lucy Magalhães. Supervisão da edição brasileira de Marco Antônio Coutinho Jorge. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p. 544.

Recebida em: 6 de março de 2021.
Aprovada em: 23 de março de 2021.